

JULIANA BRITO

INCLUSÃO Prática é símbolo da cultura afro-brasileira e integra os variados segmentos sociais

UNIVERSO DA CAPOEIRA É PORTA ABERTA PARA ACOLHER A DIVERSIDADE

A capoeira nasceu entre os oprimidos pela sociedade e deles nunca se separou. Mas hoje, a dança/luta é praticada não só por homens negros, como em sua origem, mas também por mulheres, crianças, brancos e quem tem necessidades especiais. Acolher parece ser um ato tão espontâneo nesta comunidade quanto gingar.

"A capoeira iguala todo mundo", diz Luís Carlos Leite Elpídio, o Contramestre Bucha. Paraplégico, o então garoto de 11 anos, morador do bairro de Santa Mônica, começou, como brincadeira, a dar os seus primeiros passos na atividade que se tornaria a paixão de uma vida inteira. "Todo mundo ficava me olhando e se perguntando como eu conseguia", relata. Quase 30 anos depois, Bucha continua ligado à capoeira, como professor. Ele ensina a arte, gratuitamente, a cerca de 20 alunos que moram em Santa Mônica.

Ritmo do coração

Wesley Silva Souza, 6 anos, observa o professor tocar o pandeiro. Sem titubear, o menino imita o adulto com perfeição. O fato seria banal se Wesley não tivesse apenas 5% da audição. A paixão do garoto por essa atividade e os benefícios que esta trouxe à fala e à socialização dele, desde que começou a praticá-la no Centro de Educação Especial da Bahia (Ceeba) há dois anos, motivaram a mãe, Audineide Silva Souza, a matriculá-lo em aulas extras.

Mesmo ouvindo com bastante dificuldade, o pequeno é fascinado pelos sons da capoeira. "Em casa, ele consegue bater o que ouve aqui", diz a mãe.

Aristides Pupo Mercês, o Mestre Aristides, trabalha voluntariamente com crianças especiais como Wesley desde 1972, quando abriu a própria academia em Ondina. Antes do Ceeba, dava aulas gratuitas aos alunos do Instituto Pestalozzi.

Para o educador físico, a capoeira traz benefícios à autoestima das crianças, além de ajudar a desenvolver os músculos e o instinto de defesa, pouco afogados em quem possui problemas neurológicos. "Meu objetivo não é formar mestres, mas fazer com que se divirtam".

Apoio

Rede de solidariedade da capoeira já cruzou o oceano. Edilson Souza de Freitas, conhecido como Professor Fumaça, mora na Espanha desde 2005, onde fundou a Associação de Capoeira Arte Brasileira. Há dois anos,



Paraplégico, mestre Bucha encontrou na capoeira um motivo de superação e hoje dá aulas para crianças do bairro Santa Mônica



Antônio Lázaro Santana / Divulgação

METODOLOGIA PENSADA PARA ALUNOS ESPECIAIS

Professor Fumaça, baiano que aprendeu capoeira quando era menino, desenvolve, na Espanha, um projeto que permite o ensino de capoeira a crianças portadoras da síndrome de Down

ministra gratuitamente aulas para 70 jovens de 8 a 16 anos com síndrome de Down, vinculados a entidade Adfama, uma ONG que realiza trabalho com crianças portadoras de necessidades especiais.

O professor desenvolveu um método especial para trabalhar com seus alunos. "Primeiro começo brincando de roda, de correr, de agachar e de estirar as pernas. Uso bola e também música. Isso até chegar aos movimentos de capoeira. Tem que ter muita paciência, ir devagarzinho", conta.

Fumaça também desenvolve um trabalho com jovens usuários de drogas. Dos 25 alunos que teve até agora, mais da metade largou o vício. Com a experiência de quem aprendeu capoeira ainda criança, ele acredita na capacidade educativa

dessa prática. "Vontade de vida é o que ela ensina".

Respeito

Felizmente não são poucos os grupos de capoeira que compartilham deste mesmo espírito comunitário. Em Ondina, funciona desde 1983 o Grupo de Capoeira Regional Tempo. Há 23 anos, Antonio Rodrigues Nogueira, o Mestre Toni, realiza uma ação voluntária com crianças e adolescentes do Calabar e de São Lázaro.

Os jovens das comunidades têm aula juntamente com outros de classe média. "De uniforme, não há como perceber quem é quem", observa Hermes Viana, capoeirista e filho de Mestre Toni.

Mais de 500 alunos já passaram pelo projeto. Uma dessas crianças é Jorjeval Maciel Silva,

o Professor Vermelho. Aos dez anos, morava em uma invasão próxima ao espaço onde começou a aprender capoeira. Hoje, além de levar o próprio filho ao Tempo, ensina a meninos com histórias parecidas.

Vermelho e Hermes, educadores, integram os seus alunos de comunidades carentes com os das turmas dos colégios particulares onde ensinam. "Queremos fortalecer laços de respeito, solidariedade e companheirismo", diz Vermelho. Trabalho similar é desenvolvido por Edson Neves, Professor Negrete, com os 40 alunos do Criança N'Ativa.

Bernardo Dantas, o Bob, 4 anos, é um deles. "A oportunidade que não tive de jogar no exterior quero que meu filho tenha", diz a mãe e ex-capoeirista, Carla Andrade.

"Medicinas" relembram experiências na capoeira

Em 1966, um estudante de medicina de 19 anos, nascido em uma família de políticos do interior, não resistiu aos apelos do som vindo da Academia de Mestre Bimba. Por seis anos frequentou o local, onde criou amizades que duram até hoje. Aprendeu a tocar berimbau e atabaque e até participou de apresentações públicas.

O personagem desta história é o médico e vice-governador eleito da Bahia Otto Alencar. A paixão pela capoeira é conhecida. Mistério é o seu apelido na roda, guardado como um legítimo segredo de estado.

O canto de berimbau seduziu um outro colega de curso do vice-governador, o médico Eraldo Moura Costa ou Medicina, como é conhecido nas rodas. "Gostava tanto de jogar que ia de manhã, depois do almoço e à noite", conta Costa.

Alencar e Costa seguiram o movimento de adesão à Academia de Mestre Bimba iniciado pelo estudante de medicina Ân-



gelo Dêcanio Filho, o mestre Dêcânio, em 1938. O historiador Frederico Abreu conta que desde o século XIX há relatos sobre brancos que jogavam capoeira, porém em segredo. A lista incluía nobres, delegados, artistas e estrangeiros.

Um século depois, os rapazes brancos da escola de medicina não precisavam mais jogar se-

cretamente, mas nem por isso escaparam do preconceito. Certa feita, o vice-governador começou um namoro com uma moça da alta sociedade. Ao saber que o rapaz era capoeirista, o pai ordenou que a filha finalizasse o compromisso.

Eraldo Moura Costa lembra que, apesar da academia estar localizada em uma área consi-

derada marginal na Salvador da época, o ambiente não intimidava os moços da faculdade do Terreiro de Jesus. "Havia uma cumplicidade, um respeitava o outro", conta.

Para Otto Alencar, o maior legado dos tempos de academia foi o crescimento da sua admiração pela cultura africana. Já Eraldo Costa trouxe a lição do

respeito ao outro, principalmente ao mestre.

Os ex-capoeiristas tentaram influenciar a prole no gosto pela luta. Nisso, "Medicina" teve mais sucesso com o filho Cláudio. O vice-governador até agora não conseguiu emplacar um sucessor. "Meu filho mais velho preferiu o jiu-jitsu e o mais novo é mais ligado aos estudos".

RABO DE ARRAIA

CAPOEIRA ANGOLA



CANTIGA

AUTOR DESCONHECIDO

"Minino quem foi teu meste? Minino quem foi teu meste? Meu meste foi Salomão Eu sô dicio qui aprendo Sô meste qui dô lição O meste qui me insinô Stá no Engenho da Conceição A êle só devo é dinheiro Saúde e obrigação O segrêdo de São Cosme Quem sabe é São Damiao Camarado

"Eu naci no sabo No domingo caminhei Na segunda-fêra A capoeira joguei"

GLOSSÁRIO

CAPOEIRA Conversas após as rodas ou capoeirista que fala mais que joga

LANHAR Golpear o adversário

PARA USAR NA ESCOLA

A prática inclusiva da capoeira é um ótimo tema para propiciar a reflexão e aplicação da Lei 10.639/03, que estabelece o ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira, legislação que foi modificada pela Lei 11.645/08 para incluir também História e Cultura Indígenas.

É possível refletir sobre a trajetória da prática como resistência do povo negro até ser reconhecida como Patrimônio Imaterial da Cultura Brasileira em 2008 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Os professores podem propiciar o estudo da história da capoeira, abordando aspectos que a fizeram passar da marginalização institucional a ícone da cultura brasileira que hoje está presente em várias partes do mundo.

Vale debater: quem são esses estrangeiros que a praticam? Como tiveram acesso a esses ensinamentos? Como é a dinâmica desta prática no aspecto transcontinental? É uma boa oportunidade de discutir a conexão entre culturas diferentes e o respeito que deve existir entre elas.

Investigar com os alunos e alunas este universo pode gerar uma belíssima e proveitosa aula de Sociologia, ideal para cursos do Ensino Médio. É também a oportunidade de desconstruir conceitos preconceituosos sobre a capoeira e os seus protagonistas.

SAIBA MAIS

Veja galeria de fotos em www.atarde.com.br

Confira artigo do músico Wilson Café sobre a característica inclusiva da capoeira no blog Mundo Afro (<http://mundoafro.atarde.com.br>)

Gildo Lima / Ag. A TARDE

Gildo Lima / Ag. A TARDE

Eraldo Moura Costa e Otto Alencar mostram que capoeira não se esquece